



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Tolhoba - Lisboa • Telefone: 1

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

AS SUPOSTAS OITO HORAS

Como suceda estar implantado algumas, as mais importantes, cidades do país, e para algumas, as mais decididas corporações operárias, o horário de oito horas, por si se arranharam furiosos os paladores do pulpite burguês ou certos escrivinhadores da imprensa mercantilista, a proclamar dissolvidas em mandrágora irremissível, as energias da grande classe trabalhadora. Quem assim fala, esquece-se absolutamente de que lhe não sobeja autoridade moral para achar reduzida a jornada de oito horas, e não lhe sobeja autoridade por quanto quem palra ou escravilha de tal sorte não faz em regra, nem pouco nem muito. Nem nada. Para começar com método e chegarmos a fazer-nos compreender diremos que por trabalho entendemos a função necessária e útil à existência de uma sociedade. Não faz mal que essa função seja de natureza intelectual, pois que tanto trabalhador é Edison no seu laboratório, ou Flamarion no seu posto de observação astronómica, como o carpinteiro na sua oficina ou o alfaiate no seu atelier. Estamos cansados de afirmar isto, e eles, os que nos atacam, continuando a fazer orelhas moucas e teimando em afirmar, de dias a dias, que para todos, para os sindicais, para os bolchevistas, só vale o trabalho do músculo, de blusa suja pela cal, com a fronte perolada pelo suor do estorão físico. Não se lembram estes atacantes desleais de que por exemplo a memória de Ferner, que era um professor e não um manual, perdura principalmente nas almas dos trabalhadores. Mas, voltando à nossa, trabalho vem a ser apenas aquele esforço de que resulta produção aproveitável para a grei. O «ceroupeiro» de um clube de jogatina bem sabe que gasta em cada noite vida e nervos; o gatuno profissional bem se sabe que consome a vida em aventuras mais ou menos exóticas; mas repugna-nos e não a nós isso repugna chamar trabalhar a estas actividades condenáveis ou mesmo criminosas. Do mesmo modo, e ajunte-se que é mal comparado, o político de profissão nada trabalha e está na mesma o patrão, que, na mór parte dos casos, sabe apenas arrecadar os lucros provenientes da exploração dos seus operários.

Faz efectivamente regra em Portugal a circunstância de estarem à frente das indústrias criaturas panguadas, mal sabendo fazer o próprio nome em letra tosca e nada percebendo do mister, do ramo especial de actividade que os locupletam. Para a direcção técnica dos estabelecimentos que possuem chamar um especializado a vezes estrangeiro e é esse que lhe faz girar a mó. Para fiscalizar a produção em oiro há um guarda livros que escritura e relata e mete em cofre. O patrão permanece incapaz de gerir, com aptidões próprias, o estabelecimento de que um acaso de nascimento ou uma cendescentia inedita da sorte o fez senhor. Vai sua excelência ao fim do mês, empocha o que escorre nos trinta dias, maldiz um poucochinho a malta misera que lá dentro, nas oficinas, sua e tressua para enriquecer, e o sai-se a vezes com um projecto descabelado a respeito da exploração fabril, projecto cujos sendes é ainda um empregado que tem a dedicação de apontar-lhos.

Ora esta gente, positivamente, não trabalha. Nem o patrão, sem ciência técnica, nem o político, fértil em rabulices proveitosas, nem o escrivinhador ou palrador (não confundir com os verdadeiros intelectuais) que pretendem ensinar ou intrujar os outros, sem nada ter apercebido anteriormente. Não trabalham. E são justamente estes os que se permitem o impunidade de chamar mandriões aos operários que pretendem fazer valor a jornada de oito horas. Acham pouco oito horas de trabalho aqueles que nem uma tem em cada dia. Dizem que é necessário aumentar, neste tempo de crise, a produção. E não vêem outro meio para aumentá-lo se-

não aumentando a tarefa daquelas poucos que são hoje os únicos a trabalhar. Não se pensa em aumentar o número dos braços produtivos, expondo os nichos que até há os que lá se enconham e apegam, como lapa a rocha, numa parasita que é o cancro, devastador desta nação. Não se sente o patrão no seu colchão bebendo cansas frescas sob as árvores. Não tendes vós o direito de senti-lo. Trabalhai, trabalhai sempre, até que a morte venha aquietar-vos finalmente!

Leis...

Assim reza o artigo 2.º da lei de Imprensa actualmente em vigor:

«Incorrerá na pena de demissão e na multa de 200\$000 a 1:000\$000, ficando ainda sujeita à indemnização de perdas e danos, se hiver lugar, e que seja liquidada em execução de sentença, se nela não puder ser logo determinada, a autoridade contra quem o delegado do procurador da República, ou qualquer interessado, provar que submeteu a censura, ordenou ou autorizou a imprensa, apreendeu, ou por qualquer forma embaraçou a livre circulação de quaisquer publicações, ainda que para tanto tivesse ordem ou autorização de seu próprio legítimo.

Apega disto, *A Batalha* continua sujeita ao regime da censura prévia, intercalado com a sua apreensão de vez em quando, para variar. Já aqui fizemos sentir o quanto prejudicial é para o s. Sá Cardoso, o qual interessado, provar que submeteu à censura, ordenou ou autorizou a imprensa, apreendeu, ou por qualquer forma embaraçou a livre circulação de quaisquer publicações, ainda que para tanto tivesse ordem ou autorização de seu próprio legítimo.

Apega disto, *A Batalha* continua sujeita ao regime da censura prévia, intercalado com a sua apreensão de vez em quando, para variar. Já aqui fizemos sentir o quanto prejudicial é para o s. Sá Cardoso, o qual interessado, provar que submeteu à censura, ordenou ou autorizou a imprensa, apreendeu, ou por qualquer forma embaraçou a livre circulação de quaisquer publicações, ainda que para tanto tivesse ordem ou autorização de seu próprio legítimo.

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

Querelas

Continua *A Batalha* sendo, quase diariamente, querelada. Digamos nós o que dissermos. Aquilo passa já é um vício. Mas a tal ponto vai a inconveniência dos querelantes, que já os beleguins da Boa Hora, se de querelas se trata, sem querer saber de mais, ca as vésperas trazer, por velocidade adquirida. Assim se explica que ontem tivessem vindo deixar nesta redacção uma contrafeita destinada à *Época. Vade retro!* E tomam lá os da Boa Hora cuidado com equívocos de tal monta, que confusões com *A Época* nem a brincar...

O QUE VAI POR PARIS

Batalhando pela vida

Como o cidadão Vigneron conseguiu comprar os tomates mais baratos — Os Comitês de Vigilância dos consumidores — Este inverno, na Europa, mais que nunca, o homem vai ser um

::: lobo para o homem ::::

Na colina de Montmartre, vive um cidadão a quem chamaremos qualquer coisa, Vigneron, por exemplo. O cidadão Vigneron veste umas calças de pano; tem chapéu branco com uma fita preta; usa bigode, pera e meia melema. É dos que, quando chega o momento, sobem a qualquer parte e cantam a Marselhesa, agitando o chapéu no ar e gritando: «cidadão! Vigneron é, to-davia, um tipo de 1830, à Béranger. Não é poeta, porém é artista; não canta senão a Marselhesa ou o último couplet das portas de Paris, mas pinta, escreve e tem éxito. Se na volta de um boulevard nos interrompe, a marcha certo grupo de gente que faz semi-círculo em volta de uma tenda, provável-é vermos lá no alto, salindo por cima e por baixo do largo tubo de uma blusa de saco, respectivamente, a cabeça de artista e as calças de pano de Vigneron em quanto a elas fora das mangas como de uns braços posticos, sustentam uma brocha suficientemente fina para nutrir as retorcidas curvas de um letrero que seria a primeira amostra de literário e do pensamento da Terra, para o homem que caisse docemente de ou-tro planeta.

Este alto destino da obra de Vigneron não se cumpre nunca e o de adorar a fachada dos estabelecimentos, não representa, visto bem o caso, um artigo de primeira necessidade. Porém, o cidadão Vigneron, tan pouco é um pintor de brocha gorda ou, pelo menos, a sua brocha não é a que se re-solver para pintar portas e janelas a salário defendido pela greve. A brocha de Vigneron não é proletária; o seu trabalho é uma profissão livre, Corolaro; Vigneron pertence à classe dos que mais sofreram com a carestia das sub-sistências.

Deante desse grave problema, Vigneron não se poe a cantar a Marselhesa, porém solto o seu grito de: Cidadão! E assim, constituí-se em Paris, entre os moradores de Montmartre, o primeiro comité de vigilância dos consumidores sobre os vendedores. O cidadão Vigneron conseguiu levar os seus vizinhos até a matriz do bairro; penetraram todos os que cabiam na sala, falaram todos que puderam e aprovou-se uma ordem do dia com muitos considerando, assinada pelo comité de vigilância. Fez-se uma coleção e o comité todos os reunidos, foram à rua das Abadessas, onde precisamente se encontraram muitas vendedoras.

O cidadão Vigneron ia à cabeça do coelho e não tinha olvidado o cesto das compras, que em Paris é um saco de rede. Do que mais gosta Vigneron, neste tempo, é dos tomates em salada. Quando vir os tomates no carro de uma vendedora, Vigneron deteve-se e, com ele, todo o comité e seu sequito.

—A quanto os tomates, senhora? — perguntou solene, mirando os seus companheiros.

A vendedora percebeu a gravidade da pergunta e titubeou.

—Porque não tem expositos os preços? —volveu a pergunta, vincando a sua atitude, o cidadão Vigneron.

Várias cozinheiras, que em pouco tempo se haviam ajuntado à grande massa, interviram:

—É um escândalo, senhor, vende os tomates a 1 franco e 50 o quilo.

—Não, não —exclamou, dirigindo um olhar ao público, a vendedora. Dous-ou ao senhor por 60 centimos.

—Está bem —respondeu com ar de júbilo o cidadão Vigneron—dê-me uma libra de tomates.

A notícia correu por todos os postos de verduras, entrou nas mercearias, o público aplaudiu Vigneron; e, a vendedora desapareceu, num instante, dos tomates e o Comité de Vigilância continuou no seu passeio triunfal sobre os preços abatidos.

No dia seguinte, os jornais noticiaram os acontecimentos, formaram-se comités nos outros bairros de Paris, as vendedoras amotinaram-se, os comerciantes sentiram a comecão das suas algibeiras, os vendedores resistiram nos mercados com os abastecimentos, o público interveiu e armava-se uma batalha de hortelãs; o tráfico estava paralizado, nas estações amontavam-se os solos de vagões carregados de virtuais frescas, os importadores telegrafavam mandando suspender as remessas de viveres e os telegrafistas, de comum acordo, não deixavam seguir esses telegramas.

Entretanto, o cidadão Vigneron, na sua habitação de Montmartre, sobreava o resto de um coelho com cenouras, que, além da salada de tomates, tinha podido colher na sua rede no dia anterior. Isto não tira o valor ao acto desse descendente de Béranger. Renan, sentindo-se um aristocrata da República, disse que o vulgar Béranger não era poeta; pode também dizer-se, com um historiador moderno, que no célebre completista se confundem o século XIX, a democracia, o Império e a Revolução.

Todas as noites quando já não circulam os eléctricos, passa em Paris, ao largo da Avenida de Orleans e do boulevard Saint Michel, um carro de mercadorias que reflete logo a sua linda vermelha no Sena, cruzando a praça Carilejo e subindo até aos mercados. Ao cair a tarde, das colinas que encerram, fóra de Paris, o vale de Chevreuse, baixam muitas carrinhas carregadas de cestos, dirigindo-se à linha do caminho de ferro e descarregando-as nas estações, ali minusculas. Esperam, com as cestas alinhadas, a passagem do comboio de mercadorias e noturno que vai até aos mercados da capital.

O vale de Chevreuse é o país das hortelãs; e a terra dos hortelãs de Paris. Se as horas em que cada um recolhe a sua casa, tomardes o comboio que o percorre, encontrareis os passa-

geiros assim divididos nas diversas classes do comboio: na primeira, viajam algumas opulentas vendedeiras, com o seu almoço natural num assento e os pés no frante; na segunda, os militares, muitas mulheres mais pobres; na terceira, muitas operariashinas, menos trabalhadoras e muitos cidadãos Vigneron de profissão livre. O resto da sociedade viajaria de automóvel ou de bicicleta.

Há só uma maneira de fazer com que os legumes sejam acessíveis neste vale de hortas e consiste em cultivá-los. Partomos para a manha um copo de leite, tem que se percorrer, na tarde anterior, com um jauá, a distância que nos separa da leitoria. As servigas vão desaparecendo. Na leitoria, reparte-se o leite pelas tardes, por volta das seis horas. A essa hora, ali, reunem-se pessoas de todas as classes sociais; a sua posição reconhece-se, sobretudo, pelo recipiente que cada uma leva. Eu vi ali um diplomata da Conferência da Paz e, no entanto, não o reconheci pelo recipiente. Este distinto diplomata, representante na Conferência de uma dessas novas nacionalidades vagamente conhecidas, queria tomar ar e, ainda que não tenha nada que fazer, não se atreve a afastar-se de Paris; teme que, durante a sua ausência, encontrasse de menos a nação que representa.

Todo este mundo, tão distinto, espera as vezes, na leitoria, durante largo espaço de tempo, a dona do estabelecimento. E' que ela, uma velhota vivaz, foi a feira de Limoges, de Sogisheim ou de Versailles para recompor o estabulo, pois dias antes roubaram-lhe duas vacas. Por fim, a velhota chega e, antes de repartir o leite, visita o galinheiro e sai chorando.

—Ai! Agora roubaram-me mais dois pomos.

Em vista disso, sobe o preço dos ovos, se alguém se atrever a comprá-los. Mas, às vezes, o que paga a alta do preço é o mesmo que paga noite vai à desforra, roubando à velhota um pato do seu galinheiro e do seu coração. Esta hora e, entre soluções, confessou-me que na feira comprou para sua filha um colar de mil francos.

Em algumas províncias organizar-se-á melhor as transacções; os ladrões não roubam, pagam o que levam por um preço rasoavel. São os Comitês de Vigilância.

Até agora, sem escenas de pilhagem como as de Liverpool, com um exterior menos trágico que cômico, tem-se ido liquidando, na França, a herança da guerra. Porém, também a subita riqueza de uns, a intervenção insolita de outros, estão influindo, em detalhes fundamentais, de um modo que se poderia chamar revolucionário se não continuasse no poder, o mesmo governo e o mesmo Clemenceau. A riqueza do país facilita em França, naturalmente, a solução do problema. Compreende-se que neste país haja um sóbrio economista, como Carlos Gide, que vê a solução do problema social no cooperativismo.

O cidadão Vigneron ia à cabeça do coelho e não tinha olvidado o cesto das compras, que em Paris é um saco de rede. Do que mais gosta Vigneron, neste tempo, é dos tomates em salada. Quando vir os tomates no carro de uma vendedora, Vigneron deteve-se e, com ele, todo o comité e seu sequito.

—A quanto os tomates, senhora? — perguntou solene, mirando os seus companheiros.

A vendedora percebeu a gravidade da pergunta e titubeou.

—Porque não tem expositos os preços? —volveu a pergunta, vincando a sua atitude, o cidadão Vigneron.

Várias cozinheiras, que em pouco tempo se haviam ajuntado à grande massa, interviram:

—É um escândalo, senhor, vende os tomates a 1 franco e 50 o quilo.

—Não, não —exclamou, dirigindo um olhar ao público, a vendedora. Dous-ou ao senhor por 60 centimos.

—Está bem —respondeu com ar de júbilo o cidadão Vigneron—dê-me uma libra de tomates.

A notícia correu por todos os postos de verduras, entrou nas mercearias, o público aplaudiu Vigneron; e, a vendedora desapareceu, num instante, dos tomates e o Comité de Vigilância continuou no seu passeio triunfal sobre os preços abatidos.

No dia seguinte, os jornais noticiaram os acontecimentos, formaram-se comités nos outros bairros de Paris, as vendedoras amotinaram-se, os comerciantes sentiram a comecão das suas algibeiras, os vendedores resistiram nos mercados com os abastecimentos, o público interveiu e armava-se uma batalha de hortelãs; o tráfico estava paralizado, nas estações amontavam-se os solos de vagões carregados de virtuais frescas, os importadores telegrafavam mandando suspender as remessas de viveres e os telegrafistas, de comum acordo, não deixavam seguir esses telegramas.

Entretanto, o cidadão Vigneron, na sua habitação de Montmartre, sobreava o resto de um coelho com cenouras, que, além da salada de tomates, tinha podido colher na sua rede no dia anterior. Isto não tira o valor ao acto desse descendente de Béranger. Renan, sentindo-se um aristocrata da República, disse que o vulgar Béranger não era poeta; pode também dizer-se, com um historiador moderno, que no célebre completista se confundem o século XIX, a democracia, o Império e a Revolução.

Todas as noites quando já não circulam os eléctricos, passa em Paris, ao largo da Avenida de Orleans e do boulevard Saint Michel, um carro de mercadorias que reflete logo a sua linda vermelha no Sena, cruzando a praça Carilejo e subindo até aos mercados. Ao cair a tarde, das colinas que encerram, fóra de Paris, o vale de Chevreuse, baixam muitas carrinhas carregadas de cestos, dirigindo-se à linha do caminho de ferro e descarregando-as nas estações, ali minusculas. Esperam, com as cestas alinhadas, a passagem do comboio de mercadorias e noturno que vai até aos mercados da capital.

O vale de Chevreuse é o país das hortelãs; e a terra das hortelãs de Paris. Se as horas em que cada um recolhe a sua casa, tomardes o comboio que o percorre, encontrareis os passa-

geiros assim divididos nas diversas classes do comboio: na primeira, viajam algumas opulentas vendedeiras, com o seu almoço natural num assento e os pés no frante; na segunda, os militares, muitas mulheres mais pobres; na terceira, muitas operariashinas, menos trabalhadoras e muitos cidadãos Vigneron de profissão livre. O resto da sociedade viajaria de automóvel ou de bicicleta.

Há só uma maneira de fazer com que os legumes sejam acessíveis neste vale de hortas e consiste em cultivá-los. Partomos para a manha um copo de leite, tem que se percorrer, na tarde anterior, com um jauá, a distância que nos separa da leitoria. As servigas vão desaparecendo. Na leitoria, reparte-se o leite pelas tardes, por volta das seis horas. A essa hora, ali, reunem-se pessoas de todas as classes sociais; a sua posição reconhece-se, sobretudo, pelo recipiente que cada uma leva. Eu vi ali um diplomata da Conferência da Paz e, no entanto, não o reconheci pelo recipiente. Este distinto diplomata, representante na Conferência de uma dessas novas nacionalidades vagamente conhecidas, queria tomar ar e, ainda que não tenha nada que fazer, não se atreve a afastar-se de Paris; teme que, durante a sua ausência, encontrasse de menos a nação que representa.

Todo este mundo, tão distinto, espera as vezes, na leitoria, durante largo espaço de tempo, a dona do estabelecimento. E' que ela, uma velhota vivaz, foi a feira de Limoges, de Sogisheim ou de Versailles para recompor o estabulo, pois dias antes roubaram-lhe duas vacas. Por fim, a velhota chega e, antes de repartir o leite, visita o galinheiro e sai chorando.

—Ai! Agora roubaram-me mais dois pomos.

Em algumas províncias organizar-se-á melhor as transacções; os ladrões não roubam, pagam o que levam por um preço rasoavel. São os Comitês de Vigilância.

Até agora, sem escenas de pilhagem como as de Liverpool, com um exterior menos trágico que cômico, tem-se ido liquidando, na França, a herança da guerra. Porém, também a subita riqueza de uns, a intervenção insolita de outros, estão influindo, em detalhes fundamentais, de um modo que se poderia chamar revolucionário se não continuasse no poder, o mesmo governo e o mesmo Clemenceau. A riqueza do país facilita em França, naturalmente, a solução do problema. Compreende-se que neste país haja um sóbrio economista, como Carlos Gide, que vê a solução do problema social no cooperativismo.

O cidadão Vigneron ia à cabeça do coelho e não tinha olvidado o cesto das compras, que em Paris é um saco de rede. Do que mais gosta Vigneron, neste tempo, é dos tomates em salada. Quando vir os tomates no carro de uma vendedora, Vigneron deteve-se e, com ele, todo o comité e seu sequito.

—A quanto os tomates, senhora? — perguntou solene, mirando os seus companheiros.

A vendedora percebeu a gravidade da pergunta e titubeou.

—Porque não tem expositos os preços? —volveu a pergunta, vincando a sua atitude, o cidadão Vigneron.

Várias cozinheiras, que em pouco tempo se haviam ajuntado à grande massa, interviram:

—É um escândalo, senhor, vende os tomates a 1 franco e 50 o quilo.

—Não, não —exclamou, dirigindo um olhar ao público, a vendedora. Dous-ou ao senhor por 60 centimos.

—Está bem —respondeu com ar de júbilo o cidadão Vigneron—dê-me uma libra de tomates.

A notícia correu por todos os postos de verduras, entrou nas mercearias, o público aplaudiu Vigneron; e, a vendedora desapareceu, num instante, dos tomates e o Comité de Vigilância continuou no seu passeio triunfal sobre os preços abatidos.

No dia seguinte, os jornais noticiaram os acontecimentos, formaram-se comités nos outros bairros de Paris, as vendedoras amotinaram-se, os comerciantes sentiram a comecão das suas algibeiras, os vendedores resistiram nos mercados com os abastecimentos, o público interveiu e armava-se uma batalha de hortelãs; o tráfico estava paralizado, nas estações amontavam-se os solos de vagões carregados de virtuais frescas, os importadores telegrafavam mandando suspender as remessas de viveres e os telegrafistas, de comum acordo, não deixavam seguir esses telegramas.

Entretanto, o cidadão Vigneron, na sua habitação de Montmartre, sobreava o resto de um coelho com cenouras, que, além da salada de tomates, tinha podido colher na sua rede no dia anterior. Isto não tira o valor ao acto desse descendente de Béranger. Renan, sentindo-se um aristocrata da República, disse que o vulgar Béranger não era poeta; pode também dizer-se, com um historiador moderno, que no célebre completista se confundem o século XIX, a democracia, o Império e a Revolução.

Todas as noites quando já não circulam os eléctricos, passa em Paris, ao largo da Avenida de Orleans e do boulevard Saint Michel, um carro de mercadorias que reflete logo a sua linda vermelha no Sena, cruzando a praça Carilejo e subindo até aos mercados. Ao cair a tarde, das colinas que encerram, fóra de Paris, o vale de Chevreuse, baixam muitas carrinhas carregadas de cestos, dirigindo-se à linha do caminho de ferro e descarregando-as nas estações, ali minusculas. Esperam, com as cestas alinhadas, a passagem do comboio de mercadorias e noturno que vai até aos mercados da capital.

O vale de Chevreuse é o país das hortelãs; e a terra das hortelãs de Paris. Se as horas em que cada um recolhe a sua casa, tomardes o comboio que o percorre, encontrareis os passa-

geiros assim divididos nas diversas classes do comboio: na primeira, viajam algumas opulentas vendedeiras, com o seu almoço natural num assento e os pés no frante; na segunda, os militares, muitas mulheres mais pobres; na terceira, muitas operariashinas, menos trabalhadoras e muitos cidadãos Vigneron de profissão livre. O resto da sociedade viajaria de automóvel ou de bicicleta.

Há só uma maneira de fazer com que os legumes sejam acessíveis neste vale de hortas e consiste em cultivá-los. Partomos para a manha um copo de leite, tem que se percorrer, na tarde anterior, com um jauá, a distância que nos separa da leitoria. As servigas vão desaparecendo. Na leitoria, reparte-se o leite pelas tardes, por volta das seis horas. A essa hora, ali, reunem-se pessoas de todas as classes sociais; a sua posição reconhece-se, sobretudo, pelo recipiente que cada uma leva. Eu vi ali um diplomata da Conferência da Paz e, no entanto, não o reconheci pelo recipiente. Este distinto diplomata, representante na Conferência de uma dessas novas nacionalidades vagamente conhecidas, queria tomar ar e, ainda que não tenha nada que fazer, não se atreve a afastar-se de Paris; teme que, durante a sua ausência, encontrasse de menos a nação que representa.

Todo este mundo, tão distinto, espera as vezes, na leitoria, durante largo espaço de tempo, a dona do estabelecimento. E' que ela, uma velhota vivaz, foi a feira de Limoges, de Sogisheim ou de Versailles para recompor o estabulo, pois dias antes roubaram-lhe duas vacas. Por fim, a velhota chega e, antes de repartir o leite, visita o galinheiro e sai chorando.

—Ai! Agora roubaram-me mais dois pomos.

Em algumas províncias organizar-se-á melhor as transacções; os ladrões não roubam, pagam o que levam por um preço rasoavel. São os Comitês de Vigilância.

Até agora, sem escenas de pilhagem como as de Liverpool, com um exterior menos trágico que cômico, tem-se ido liquidando, na França, a herança da guerra. Porém, também a subita riqueza de uns, a intervenção insolita de outros, estão influindo, em detalhes fundamentais, de um modo que se poderia chamar revolucionário se não continuasse no poder, o mesmo governo e o mesmo Clemenceau. A riqueza do país facilita em França, naturalmente, a solução do problema. Compreende-se que neste país haja um sóbrio economista, como Carlos Gide, que vê a solução do problema social no cooperativismo.

O cidadão Vigneron ia à cabeça do co

TRIBUNA SINDICALISTA

O industrialismo moderno
é a causa inicial
da próxima Revolução

Sob o ponto de vista económico, as sociedades actuais são caracterizadas pelas três formas fundamentais seguintes: A direcção patronal ou individualista da produção e da repartição social.

A multiplicidade de empresas e de direcção em cada indústria.

A propriedade privada do material social.

A direcção patronal consiste na facção de uma minoria de indivíduos, a classe patronal, reter só para si, com exclusão dos operários, todos os poderes económicos nos serviços à direcção da produção e da repartição.

1.º O poder de regular a duração do trabalho do operário e do empregado;

2.º O poder de fixar a cifra dos salários e dos emolumentos;

3.º O poder de suprimir êsses salários nos casos em que o operário se encontra momentaneamente impedido de trabalhar em consequência de acidente, doença, etc.

4.º O poder de cobrar, a título de renda, aluguer, interesses, lucros, dividendo, a sua própria parte na repartição social.

Permitindo êstes poderes regular não só trabalho mas também o quantum de consumo, êles são, por conseguinte, mais de ordem económica do que de ordem administrativa.

Ainda os patrões retem mais os seguintes poderes administrativos: o poder de escolher e de destituir o seu pessoal; o de fixar todas as condições técnicas de suas empresas e em geral do sistema de emprego do maquinismo, o poder de fixar os preços, o gerir o material que serve para a produção, etc.

Multiplicidade de empresas e de direcção consiste no facto de existir em cada indústria uma porção de casas similares que procedem à produção, sem nenhum acordo prévio entre si. Tal multiplicidade de empresas e de direcções, cria, para essas mesmas casas, um risco pernante de perdas.

A propriedade privada do material social é uma forma económica em que todos os capitais que servem para a produção e para a troca, o solo, o material industrial, os bens móveis, a moeda, pertencem a uma minoria de indivíduos, a uma classe patronal. Note-se, porém, que a direcção patronal implica necessariamente as outras duas formas económicas: multiplicidade de empresas e propriedade individual.

A classe patronal, portanto, constitui um grupo social que retem poderes económicos especiais, poderes que a distinguem completamente da classe dos salarizados.

Quais são as propriedades do maquinismo e as reacções económicas que ele determina numa sociedade que apresenta como estrutura as três formas económicas precedentes? Eis o ponto que vamos agora examinar.

II

Sob o nome de maquinismo ou de industrialismo se compõe toda a ferramenta empregada nos caminhos-de-ferro, navegação, metalurgia, minas, tecelagem, indústrias eléctricas e químicas. O maquinismo que substituiu por indústrias uma enormidade de mestres e profissionais, impôs novas necessidades técnicas e económicas e apresenta prodigiosas vantagens.

Impõe êle as principais necessidades seguintes:

1.º A livre disposição do solo agrícola e urbano;

2.º A construção de locais especiais, fábricas, manufaturas;

3.º Uma ferramenta enorme e ameaçadora, bem assim grande quantidade de matérias primas;

4.º Pessoal de direcção numeroso e instruído;

5.º Um pessoal de operários e empregados que em cada empresa se comparam por muitas centenas ou muitos milhares de indivíduos;

5.º Frequentes mudanças na distribuição dos trabalhadores;

7.º Importantíssimo capital inicial de investimento;

Estas necessidades técnicas impõem, por seu turno, formas de labor dantes desconhecidas, o trabalho disciplinado e em comum, e excessiva especialização dos trabalhadores.

Numa sociedade cujas formas económicas não permitem satisfazer plenamente essas necessidades técnicas, torna-se impossível desenvolver amplamente o maquinismo, e daí a catástrofe das prodigiosas vantagens que êle comporta.

As vantagens do industrialismo são de duas espécies:

Em primeiro lugar realiza êsta grande número de possibilidades novas; os caminhos-de-ferro tornaram fáscis e rápidos os transportes de viajantes e de mercadorias.

Esta facilidade de comunicações movimentou a vida social, trouxe o internacionalismo moderno, já sob o ponto de vista científico e artístico. As indústrias do gás e da electricidade mudaram o aspecto das nossas cidades, modificando muito as nossas condições de existência, etc.

Em segundo lugar, o industrialismo aumenta consideravelmente a produtividade do trabalho humano, produtividade que se manifesta sob duas formas: aumento de produtos e diminuição do trabalho a fazer.

Eis alguns exemplos do poder do maquinismo actual e da produtividade do trabalho mecânico-humano comparada a essa mesma produtividade sem o maquinismo.

A Europa e a América reunidas possuem, tanto para as máquinas motoras fixas, como para os caminhos-de-ferro e navegação a vapor, mais de cinquenta milhões de cavalos-vapor. Igualando um cavalo-vapor cerca de vinte homens, essa força motriz representa cinquenta milhões multiplicados por vinte, ou seja um bilião de trabalhadores.

Em França, a força das máquinas fixas da indústria é avaliada em cinquenta milhões de homens. Multiplicando as máquinas-ferramentas a produtividade

por dez, ao mínimo, a força do maquinismo fixo torna-se igual a quinhentos milhões de trabalhadores; por outro lado, a força motriz empregada no transporte é de cem milhões, o que constitui para a força motriz total do maquinismo em França, seiscentos milhões de trabalhadores.

Se dividirmos êstes seiscentos milhões de homens-máquinas pelas quinze milhão de indivíduos que tomam parte no trabalho social, teremos quarenta.

Por isso se pode exprimir a produtividade do maquinismo actual dizendo que cada trabalhador dispõe, para o labor da produção, de quarenta escravos de que não exigem descanso nem vagar.

Procurando alguns exemplos na indústria, nos transportes e na agricultura, vamos determinar a produtividade do maquinismo actual.

Indústria. — Uma máquina Mull-Jannay dirigida por um operário faz o trabalho de quinhentos fiandeiros. Se todo o algodão fiado na Grã-Bretanha o fôssem a mão exigiria cem milhões de operários.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Organizado o cortejo, tomou êste o caminho do Lumiar, abrindo a marcha o comandante dos Bombeiros Voluntários da Amadora e os delegados dos Bombeiros Voluntários da 3.ª e 4.ª secções da divisão auxiliar de Lisboa, seguindo-se delegações e grupos de todas as agremiações operárias desta cidade, com os respectivos estandartes, e portadoras de corças, tendo nôs conseguido tomar nota das seguintes corporações: Núcleo da Juventude Sindicalista, Sindicato do Pessoal Ferroviário, Federação Metalúrgica, Frateiros do Pórtico de Lisboa, Trabalhadores Rurais, Pintores da Constituição Civil, Pessoal das Obras do Hospital do Desterro, do Asilo de Santa Maria para Cegos, do Parque Eduardo VII, do Bairro Social n.º 1, Operários do Município, Caiadores do Bairro Social, Secção Metalúrgica de Palma, etc., tendo-se feito também representar os fiscais e pagadores das obras.

Jornal do Públíco

Protestos e reclamações

Uma selvajaria

Informam-nos do seguinte revoltante caso: Um alferes da guarda republicana, que faz serviço no quartel de Campolide, passando à destituição na rua Almirante Barroso, ao Matadouro, pelas 11 horas da manhã dia 23 do corrente, aculou um pobre cão, que, não só pelo gesto do referido oficial, mas ainda por virtude do estrépito do canhão, começou correndo afaz da morta.

Então, o citado alferes puxando dum pistola, atirou sobre o animal, perfurando-lhe a espinha na altura dos dorsos, do que lhe resultou a morte. Depois de consumado este acto de revolante selvajaria, e, em face da indignação manifestada por quantos assistiram à cena, o alferes pôs-se em fuga desordenada, sempre empunhando a pistola e seguido pela ordenança que o acompanhava.

Este oficial ac que nos informam reside na rua Cidade da Horta, n.º 58, último andar.

Ao sr. comandante geral da guarda republicana recomendamos este caso, certo de que s. ex.ª providenciaria o que é de justiça.

Cercando uma regalia

Esteve nesta redacção o camarada Carlos Marques de Oliveira, que veio reforçar o que há dias sósta epígrafe dissemos. Também este camarada foi operário da firma Braz, Henrique & C.ª, Limitada, donde se despediu exactamente porque sobre ele era exercida uma descurável exploração.

Um encarregado de alfaiataria violento

Estiveram nesta casa, queixando-se contra o encarregado da alfaiataria Rodrigues & Branco, sita no largo Luís de Camões, por cima do café Martinho, as costureiras de alfaiata Carmina Jasmim Piedade, ex-secretária da Associação dos Alfaiates e Albertina Simões, as quais foram despedidas por esse encarregado, de nome José Esteves Ferreira, por não quererem fazer serão no sábado último, por a sua vida particular não o permitir. Dizem-nos que esse indivíduo é usíero e vezeiro em insultar os seus subordinados que leem este jornal, chegado o desaforo ao ponto de lhes tirar os exemplares que possuem, levando-os para a retrete, chamando a tudo e todos bôxevistas.

Convém tristar o facto de um dos patrões dizer-se socialista, consentindo, no entanto, que o seu empregado esteja sempre a insultar as pobres criaturas que lhe estão subordinadas.

A oficina é das tais que, quer de dia quente de noite, são iluminadas a luz artificial, sendo as horas dos serões pagas pelo preço das horas ordinárias.

A Associação dos Alfaiates recomendamos ao sr. José Esteves Ferreira, para que o obrigue a mudar de atitude.

Tribunal dos desastres no trabalho

Realizou-se anteontem, pelas 10 horas, a eleição dos vogais para o Tribunal dos desastres no trabalho, a qual deu o seguinte resultado:

Vogais operários: António Bento Souza, António Dias Tavares, Joaquim Francisco dos Santos, Manuel Figueiredo, José Lopes, Guilherme Francisco Horta, Vitor Castro Reis Araújo, eleitos por 11 votos.

Vogais patrões: Vitor Marat de Avila Peres, Domingos Almeida Centeno, José Luís Júnior, João Caeiro Lopes, José Nunes dos Santos, António da Costa Ribeiro, Francisco Pedro, Abílio Valente Salreu, eleitos por 3 votos.

Vogais da Companhia de Seguros: dr. Manuel Casal Ribeiro, Carvalho, António Joaquim de Azevedo, Manuel Rui Santos Antunes e dr. Moreira de Carvalho.

Pede-se a todos os vogais eleitos que quando forem convidados a tomar posse, venham munidos das suas fotografias para os cartões de identidade.

Tentativa de suicídio

Na enfermaria 4 (Santo António) do hospital de São José, deu entrada o ex-sargento de infantaria 12º José Manuel Serpa Viana, residente na rua de São Amaro, 72, que tentou suicidarse dando um tiro no peito.

Por causa de um par de botas

Envolveu-se em desordem os habitantes de Palmela, intervindo a força militar

Há tempos que para a vila de Palmela, concelho de Setúbal, foi residir uma tropa forte e desorganizada, capaz de fazer frente a meia dúzia de homens, sendo por este facto pouco estimado entre os habitantes da terra. No mês passado, encorajaram o Herminio, um par de botas que ajustou por determinada quantia, a qual depois de traçado o traçado das vésperas que o empalhado lhe mandou alguém receber o seu desboto, e assim criaturas viam-se sempre obrigadas a retirar-se, para não serem desfeitas pelo valentão.

Ontem encontraram-se ambos em estreito, vindo a discutir o custo das botas, quando por se envolveram os os Herminio que actuou continuamente, para se vingar, velou fazer aliarjado junto dos seus conterrâneos. Daí um se armou do seu varapau e foi em procura da Guerra, na intenção de liquidar. No entanto entrou em contacto com o Searim Ribeiro que tinha sido prevenido do que ia suceder e que para evitar o conflito, tentou baldadamente dissuadi-los do seu propósito. Então esta autoridade em vista da atitude dos amotinados telegrafou imediatamente para Setúbal, requisitando uma frota de polícia, a qual de seguida foi imediatamente deslocada para os concelhos, tendo de fazer fogo para os conterrâneos em represália.

No tiroteio ficaram feridos o regedor que recebeu curativo na farmácia da localidade, recolhendo depois a casa, e Augusto Vilarino, de 21 anos, filho de José Vilarino, judeu, falecido, que morava na Cruz Vermelha, tendo morrido o homem esquerdo pelo que foi conciencioso na Cruz Vermelha ao Hospital de São José, e ali radiografado, recolhendo a casa, depois de convenientemente pensado.

Por vender a "Acção"

Foi anteontem posto em liberdade Edmundo José da Cruz, vendedor de jornais, preso por vender a vender a "Acção".

Choque eléctrico

No Banco do Hospital de São José foi fadado Armando de Oliveira, de 27 anos, trânsito de 1000000 francos, Estado, 25, Convento dos Bernardas, 20, que quando num carro eléctrico que do Caminho de Ferro seguia para o Conde Barão foi atingido por um violento choque eléctrico.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Suicidou-se, anteontem, a operária Juilá Ramos Graça, manipuladora de tabaco, filha do camionista Justino Maria Graça, operária do concerto que gosta de gás.

As causas desse triste acontecimento ignoram-se. O cadáver encontra-se na Morgue, para ser autopsiado, realizando-se o seu funeral ainda esta semana, em dia que será oportunamente anunciado.

FUNERAIS

Realizam-se hoje os funerais das seguintes pessoas:

D. Emilia do Nascimento, às 15 horas, do hospital de São José, D. Lúcia Viana da Conceição, às 10, do hospital de São José; D. Guilhermina Custodio Pinto Iu-
lita, ás 9, do Prado Rio de Janeiro, 3; Ida Pepe Arco, ás 10, da rua de Santa Marta, 287, 3.º, e dos srs. Manuel Pinheiro Pereira, da 10, da Avenida, 28, 1.º, João Bento, da 15, da Avenida, 28, 1.º, João Boaventura José Nogueira, ás 10, da rua de São José.

—Realizam-se hoje o funeral do António dos Santos, assassinado na tarde de 22 do corrente. O prísto fúnebre sai as 16 horas da Morgue, dirigindo-se para o cemitério da Ajuda.

OBITUARIO

Cadáveres inhumados no dia 22 do corrente:

Alto de S. João: António Ferreira, 8 a.; Maria do Carmo Melo, 78 a.; António Fernando da Silva J. Ucandar, 13 m.; Um feto do sexo feminino.

Cadáveres sepultados no dia 23 do corrente:

Bemfica: Bento, Maria da Conceição Duque, 85 a.; D. 20, 1.º; Paulo Maria Matiote, 7 m.; João da Gloria Freitas, 3 a.; Luiza Maria, 55 a.; Faustina Ferreira, 6 m.

Na morgue

Deu ali entrada o cadáver de Raul César Augusto do Carmo, comerciante, residente na Quinta que na rua Augusta foi acometido de morte subita.

—Foi reconhecido o cadáver daquele mulhuer que se suicidou precipitando-se de um muro na calcada do Monte. Chamava-se Judite da Graça, 19 anos, operária da Fábrica de Tabacos e residia na rua Damas-ceno Monteiro, 38, 1.º.

Automóvel desastrado

Mais uma vez o automóvel do dr. sr. Díego Ferreira, teve um desastre. Ao descer anteontem o Chiado, querendo desviar-se dum outro que subia, entrou pelo passeio de frente da 10, da Rua das Mártyres, tendo um desastre. Não pôde sair daí sem vir um automóvel de socorro.

Desta vez, felizmente, não houve vitimas.

MOVIMENTO MARITIMO

Entradas em 25

Vapor belga "Irene Poy", de Cardiff, vapor dinamarquês "Beira", de Genova e Marsala; vapor francês "Harlequin", para Briat; vapor espanhol "Jura Uravain", de Santander; "Carborte C"; vapor holandes "Poortoliest", de Newpar; "Carvio C. Bury"; vapor holandes "Agamemnon", de Buenos Ayres.

Saídas

Vapor holandes "Mode", para Amsterdã; vapor espanhol "Gloria", para Bilbau; vapor inglês "Zeeland", para Genova; vapor inglês "Silver", para Vilagarcia.

O TEMPO

Temperatura do ar em 25 — Lisboa, 25.4; Porto, 26.4; Coimbra, 18.1; Madrid, 20.0; Melo, 26.4; Lisboa, N.; Porto, 2; Coimbra, NNW; Madrid, N.

Tempo propício hoje. Vento fraco ou moderado entre NE e NW. Céu limpo ou algumas nuvens.

TEATROS & CINEMAS

Réclames

É hoje que se realiza no Ginásio a séniora recita dada em homenagem à ilustre artista Lucinda Simões. Representa-se a deliciosa comédia "Sonho de uma noite de Agosto", em que reaparecerá na protagonista a genitilissima actriz Amelia Rey Coimbra. Haverá também os espectadores com a cantação de canções galegas. D. Maria de Azevedo, discípula de Lucinda Simões, Juilia Simões, Robles Monteiro, Teodoro dos Santos e Samuel Diniz, dirão versos de vários autores. Não há a menor sombra de dúvida que serão requeridamente artísticas e elégantes festa desta noite neste elevíssimo teatro.

—A noite do próximo dia 26 no Teatro São Luís vai ser do mais caloroso entusiasmo; é 50.º representação da festejada revista "O pé de meia", sendo esta recita dedicada ao autor, o ilustre escritor Eduardo Sampaio. É grande o interesse em assisti-la esta recita, estando já muitos camarotes marcados.

Já lá que aposto que a revista "Lebre Corrida", em cena no Apolo, é capaz e embora reforçada de numerosas novas, de entusiasmo de público é grande.

O Coliseu dos Recreios tem agora três números magistras, dos que marcam e ficam valendo por muito tempo. O Trio Lara é colossal e inconfundível; o Rouxinol Humano, Cav. Fabre é um sucesso e os Cíes comediantes, um grande número de atrações.

—O centro predilecto de reunião das pessoas em evidência continua sendo o Eden, onde hoje, em récitas da moda, se representa, nas duas sessões, o quadro novo "Greve geral", que ampliou a revista "Aqui d'El Rei".

—A scena do pincel de Eduardo Reis, Fábio, a scena do quadro novo "Na memória do olho" que subirá à scena na proxima quinta feira em récita dos autores da revista "Aqui d'El Rei".

—A peça "O Gáuere", continua sendo a grande atração teatral da actualidade, e desliza-se-lhe tem ofício no Avenida, centenas de pessoas que saem da lá maravilhadas com a verossimilhança do "canhão modelo", manobrando em scena e com as intercessões das scenas da peça.

—O "Pé de meia" virá ao Trindade com poucas revistas e teatro feito. Logo na primeira noite os aplausos foram estrondosos nas representações seguintes, repetiram, visto a ter tudo quando é necessário para triunfar: graça, uma bela música, optimo desempenho, guarda-roupa luxuoso e sim e scandas.

—As últimas representações no Politeama, a opereta "Mulher Ingrata", cujos êxitos temos vindo assimilando. E retira-se de scena pela necessidade que tem a empreza de formas de repertório.

CARTAZ DO DIA

SÃO LUIS-A's 21.30 — "O Pé de Meia", GINASIO-A's 21.30 — "Sonto de uma noite de Agosto" comédia.

TRINDADE-A's 21.15 — "Paz Armada", revista.

AVELHA-A's 21.30 — "A Guerra", PELA TEATRA — A's 21.30 — "Mulher Ingrata", opereta.

ALFONSO-A's 21.30 — "Lebre corrida".

EDEN-2 sessões, ás 20.45 e 22.45, ampliando o quadro novo "Greve geral".

COLISEU DOS RECREIOS — Animatógrafo e variedades.

SALAO FOZ-A's 20.30 — As danças nas francesas Timandra e Dorcyl, Leda, Montes, Hermanas Elias e Emissa império.

OLIMPIA — Animatógrafo e concerto.

CINEMA CONDES — Animatógrafo e concerto.

CLUB DA TERRASSE — Animatógrafo e concerto.

SALAO DA TRINDADE — Variedades animatógrafo.

SALAO IDEAL — Animatógrafo, — A's 21.30 CHANTECLER — Animatógrafo, fitas raladas.

SALAO DOS ANJOS — As quintas-feiras, sábados e domingos, animatógrafo.

TEATRO RECREIOS — DA GRACA — A's 21.30 — Hoje, ás 21.30, a opereta em 2 actos a "Vila Alegre", em Cascas e um deslumbrante acto de variedades.

Por vender a "Acção"

Foi anteontem posto em liberdade Edmundo José da Cruz, vendedor de jornais, preso por vender a vender a "Acção".

Choque eléctrico

No Banco do Hospital de São José foi fadado Armando de Oliveira, de 27 anos, trânsito de 1000000 francos, Estado, 25, Convento dos Bernardas, 20, que quando num carro eléctrico que do Caminho de Ferro seguia para o Conde Barão foi atingido por um violento choque eléctrico.

OPTIMO CAFÉ
Quilo \$80, em pacotes de 125 e 250 GRAMAS
— PERFUMARIAS — "MENNEN'S",
Os melhores produtos de beleza conhecidos. Descontos aos revendedores.
215 Rua Augusta, 70, 2.º — Telef. C. 1196

Nova lei de responsabilidade civil

(Decreto com força de lei de 10 de Maio) de 1919

Serviço combinado com a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta

AVISO AO PÚBLICO

1.º aditamento à tarifa especial n.º 105 de pequena velocidade

A partir de 20 de Agosto de 1919, a classe de mercadorias da tarifa especial n.º 105 de pequena velocidade combinada com a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta, é editado como segue:

Preços normais: Automóveis e Motociclos séries: 5.º: mínimo de peso por expedição pagando como tal — quilo gramas, 100; carga mínima de vagão completo ou pagando como tal — toneladas, 10.

Figura em tudo o mais em vigor as condições da tarifa especial n.º 105 de pequena velocidade, em aplicação desde 1 de Junho de 1918.

Lisboa, 7 de Agosto de 1919.

O engenheiro subdiretor Santos Viegas.

</div